

# Entrevista A6

## I – Experiência no lar

### Há quanto tempo trabalha no lar?

Desde Setembro de 2005.

### Qual é a sua função no lar?

Portanto eu sou psicóloga clínica aqui no Lar.

### Que tarefas desempenha no seu dia-a-dia?

Aqui dentro eu tento ter um relacionamento muito próximo com os idosos. Ser um bocadinho o apoio, o suporte, a pessoa com quem eles sabem que podem contar. Pronto, obviamente que tem outros técnicos e que tem os ajudantes do Lar e os funcionários, mas talvez eu seja a pessoa com mais disponibilidade e cuja função é mesmo estar mais próximos deles. Tanto eles se deslocam aqui ao gabinete, como eu me desloco aos quartos, até funciona mais assim porque eles estão mais habituados a... têm às vezes receio de vir ter connosco, temos que ser nós a ir ter com eles, pronto. E isto como tem um aspecto assim mais formal... o contacto é mais lá por cima. Depois a nível de funções mais específicas, trabalhamos todos em equipa obviamente mas trabalho com mais proximidade com as técnicas de serviço social, pronto desde o início das entrevistas para a admissão nos inquéritos, porque nós vamos a casa das pessoas conhecer a situação e avaliar a situação do contexto da família ou da casa, e avaliar a situação da pessoa. Portanto depois fazemos a nossa avaliação, se a pessoa está mais dependente se está mais válida, quer em termos físicos, quer em termos mentais ou cognitivos... para conhecer as necessidades e para saber o que elas precisam da instituição e para onde se podem, digamos assim, colocar. Como temos uma casa por pisos, com zona de dependentes e de pessoas mais válidas, temos que fazer essa adequação de onde a pessoa ficará ou poderá ficar dentro da casa. Portanto eu acompanho-as nesse inquérito ao domicílio. Depois seguidamente é quando a pessoa

entra, a admissão e o acolhimento, que é uma fase em que estamos mais presentes, mais juntos da pessoa, porque a integração aqui é sempre complicada. Mostramos-lhe a casa, apresentamos-lhe os colegas de quarto, explicamos os horários de funcionamento, portanto todo o dia-a-dia da instituição. Estamos mais atentos, mais próximos naqueles primeiros dias para ver a reacção da pessoa à adaptação ou não... Hummm... Juntamente com isto, há um acompanhamento às famílias também, que já começa quando nós vamos a casa, pode já a pessoa estar presente ou a pessoa viver com os familiares e depois a partir do momento em que pessoa entra aqui também podemos conversar com a família, expor-lhe a situação toda do contexto institucional, sensibilizá-los para a importância da participação deles, para os visitarem com regularidade, para não cortarem os laços, para os levarem a casa, é todo um trabalho pedagógico que fazemos com as famílias. Depois no dia-a-dia, temos que circular muito pela casa, controlar as refeições, as higiènes, nas visitas também nos procuram muito para perguntar como está o familiar, como não está... Há sempre um contacto muito próximo com as famílias no horário de visitas. Temos o outro lado um pouco burocrático, portanto faço os meus registos, os meus relatórios. Também acompanho alguns idosos mais de perto quando andam mais deprimidos ou os enfermeiros me dizem que está mais deprimido ou mais agressivo. Também já tenho ido com os ajudantes de domicílio a casa de alguns idosos e fico lá meia hora uma hora durante três ou quatro semanas ou o que seja preciso. Colaboro também com a animação, quando as pessoas entram saber se elas estão interessadas ou não e em quais actividades. Às vezes também dou apoio aos funcionários... faço muitas coisas, aqui não há rotina, todos os dias são diferentes.

### **Que dificuldades encontra no seu trabalho com os idosos no seu dia-a-dia?**

A principal dificuldade ao início, quando eu comecei como toda a gente é o lidar com as realidades... com as doenças, com a dependência, com a desorientação. Portanto entrarmos num mundo completamente diferente em que o relacionamento tem que ser adaptado às capacidades que as pessoas ainda têm e isso também mexe connosco e nos faz questionar... Com eles especificamente... hummm... há sempre, ou inicialmente havia porque agora já estão mais habituados comigo... conseguir que eles expressem os seus problemas, que confiem em nós, que falem connosco, que sabem que podem desabafar como eles gostam de dizer e que isso não é depois utilizado ou não é contado

à família... Primeiro, é então estabelecer esse vínculo de confiança, claro que é mais fácil com uns do que com outros. Temos que nos adequar também em termos da nossa linguagem técnica... Eles são todos diferentes, temos que conhecer a personalidade de cada um e saber como agir com cada um.

### **O que o surpreendeu de forma positiva quando começou a trabalhar com idosos?**

O que me surpreendeu de forma positiva é a forma... como algumas pessoas encaram esta etapa... porque eu nunca tinha entrado num lar, temos sempre aquela conotação que o lar é um ambiente triste, um ambiente onde as pessoas estão muito abatidas... E o que me surpreendeu de forma positiva é que o contexto de lar também tem esse lado, para algumas pessoas é realmente uma tristeza e é difícil aceitar estarem aqui e já têm muitas dificuldades em fazerem alguma coisa... mas também há o outro lado, das pessoas que estão aqui e que estão cá bem, estão cá felizes, estão cá bem-dispostas, que já viveram cá muitas coisas que nunca tinham vivido antes... pessoas com grandes dificuldades quer a nível habitacional, limitadas em termos de experiências culturais ou de oportunidades que nunca tiveram e que eles próprios dizem que só vivenciaram isso depois de estarem aqui. O que me surpreendeu mais foi ver que aquela imagem, aquele estereótipo não correspondia à realidade.

### **O que o surpreendeu de forma negativa?**

Isto não deixa de ser uma instituição... com os seus defeitos, com as suas rotinas muito estabelecidas e nas quais têm que ser as pessoas a encaixar. Dada a dimensão da casa, não poder haver essa atenção tão individualizada, porque a refeição tem que ser aquela hora, a higiene tem que ser àquela hora, hummm... e realmente isso é um aspecto negativo de funcionamento, que não deixa de ser uma coisa às vezes um bocadinho em massa, ainda que muitas pessoas depois tentem lhe dar um carácter individualizado obviamente. É um ponto negativo ao qual nos é difícil ultrapassar na totalidade. Também, às vezes por parte das funcionárias, por falta de formação, principalmente este pessoal mais antigo, a forma como elas encaram, como elas lidam, elas já estão tão formatadas nessa rotina que às vezes se esquecem da pessoa, preocupam-se é em fazer o seu trabalho e esquecem-se que o estão a fazer a uma pessoa e isso faz-me um bocado impressão e é uma das coisas pelas quais temos que lutar diariamente na prática. As

peessoas novas já entram com outro tipo de formação, mesmo a nível de... pronto que não existia. Depois aqueles idosos que já estão acamados e pelos quais é difícil fazer alguma coisa ou aos quais não chegamos tanto como em relação a outros e isso é um bocado frustrante e manter a dignidade mesmo nessa fase nem sempre é conseguido e isso é um ponto negativo para o qual as administrações têm que mudar. O facto de isto ser uma instituição às vezes tem esse peso de não olhar realmente para o que aquela pessoa precisava e isso implica mais recursos humanos, mais recursos financeiros que nem sempre estão presentes. Há sempre alguma coisa que é difícil pôr em prática.

### **Que qualidades são necessárias para se trabalhar com idosos? Porquê?**

Muita paciência, uma grande capacidade de adaptação e de compreensão e da nossa parte muita flexibilidade e saber que não podemos falar a todos da mesma forma, uma análise, uma compreensão muito grande da outra pessoa para a podermos chegar ao íntimo dela e... não é fácil, não é mesmo nada fácil e nem todas as pessoas terão realmente o perfil como se costuma dizer porque é preciso gostar e é preciso saber que se passa por situações complicadas porque tudo o que seja lidar com pessoas, não podemos trazer os problemas, não podemos ter um dia menos bom e deixar transparecer isso para a relação com os utentes.

## **II – Caracterização da velhice**

### **O que é que para si melhor define a velhice?**

Portanto, é a última etapa do ciclo de vida, já sabemos que nascemos, vivemos e morremos e antes de morrermos temos aquela fase em que as capacidades já não são as mesmas a nível físico e a nível mental. Acima de tudo vejo-a como uma etapa nova com novos desafios, novas características e exige das pessoas uma adaptação, como tem que ter as outras etapas do ciclo de vida, mas talvez mais difícil porque começam a surgir limitações derivadas do envelhecimento do organismo que não se colocam noutras etapas.

## **Na sua perspectiva, quando é que uma pessoa pode ser considerada idosa?**

É claro que em termos legais e sociais porque as coisas têm que estar muito marcadas será a tal idade associada à reforma. A partir do momento que a pessoa se reforma e deixa a vida activa, então parece que nesse dia passa da fase adulta a idoso. Mas esquecendo esse lado tão rígido que existe em termos sociais e legais, penso que é muito variável de pessoa para pessoa. Não é uma realidade homogénea e nem todos entramos lá naquela idade cronológica, todos nós conhecemos pessoas mais velhas que parecem mais novas e vice-versa. Portanto eu acho que seria quando a pessoa começa a ver que já não pode viver da mesma forma, tem que adaptar a sua vida... onde as suas limitações físicas e mentais começam a interferir no seu dia-a-dia e a pessoa precisa de uma bengala, de alguém que lhe ajude a fazer a cama... Se quisermos definir idoso como o início de uma nova etapa, talvez seja aí quando uma pessoa deixa de poder fazer aquilo que habitualmente fazia nas suas actividades diárias. Assim, há pessoas que é aos 60 e outras que é aos 80, depende...

## **Quais as principais mudanças que acontecem quando se fica velho?**

É essa questão da autonomia, penso que poderá marcar mais, quando a autonomia deixa de ser aquela que sempre foi.

## **Para si, que benefícios ou vantagens traz a velhice?**

Costuma-se dizer que se envelhece como se viveu... e se as pessoas tiverem a situação bem resolvida durante a vida, a velhice pode ser uma óptima etapa de... fazer esse balanço, de ficar satisfeito desse balanço do que fizemos para traz... Pode ser uma etapa em que sabemos que estamos mais próximos do fim da vida mas que sabemos que cumprimos ou atingimos mais ou menos os objectivos que pretendemos e se assim for, acho que a velhice será uma etapa de tranquilidade, de satisfação, de bem-estar e associada à reforma, se ainda houver alguma autonomia, poder aproveitar para poder fazer aquilo que... alguns outros objectivos que não tenham sido cumpridos porque trabalhávamos, por causa dos filhos...

## **E que problemas ou inconvenientes traz?**

Em oposto àquilo que estava a dizer, se a pessoa teve uma vida com muitos problemas, com muitas dificuldades que não foram sendo resolvidas seja a nível familiar, seja a nível de trabalho, de relacionamentos sociais ou até a nível físico, pessoas que já tenham tido problemas de saúde, a velhice pode potenciar essas coisas. Porque, como surgem outras limitações e outras doenças, outros problemas do envelhecimento... se a pessoa já tiver uma doença interior isso ainda se irá agravar. Por exemplo a nível familiar, se há alguma história de família mal resolvida, a pessoa chegou à velhice e ficou doente, os filhos não vão poder dar a assistência aos familiares, muitas vezes porque houve conflitos e as pessoas não estão muito próximas e isso vai agravar com que essa dependência na velhice deixe a pessoa sem suporte. E depois traz uma mudança muito complicada para algumas pessoas que é a passagem à reforma que é uma modificação muito grande e que se não for bem vivenciada e bem resolvida e bem estruturada pela pessoa, como às vezes só assentamos a nossa vida no trabalho, se deixamos isso e não temos outras coisas, e se as outras áreas da vida não estejam bem, pode realmente ser desesperante porque se deixou de ter o papel principal... aquele papel que a pessoa ocupava deixa de existir e isso pode ser para algumas pessoas a parte mais negativa, porque deixam de saber o que são e qual o seu lugar. As pessoas também deixam de ter o mesmo poder económico que tinham e como passam até a ter mais exigências, precisam de medicamentos e não têm mecanismos para os comprar. A parte negativa da velhice é que para muitas pessoas implica uma mudança de estatuto, seja social, seja económica, que seja depois associada às doenças e essa mudança de estatuto que é quase sempre para pior, o passar a sentir-se inútil, o passar a ser desvalorizado é a parte mais negativa da velhice. E se houver já problemas para traz pode ser realmente uma etapa muito angustiante para as pessoas.

## **Acha que os idosos constituem um problema para a sociedade? Porquê?**

Não deviam constituir porque nós sabemos que nas sociedades mais antigas e até em algumas sociedades actuais a velhice representa a sabedoria. As pessoas idosas são bem vistas, valorizadas, têm um papel definido e um papel importante na sociedade e portanto não deviam ser um estorvo... porque podem nos dar coisas que outras faixas etárias não nos poderão dar e ensinar. Têm a sabedoria, têm a experiência, têm outras

formas de ver a vida e portanto não deveriam constituir um estorvo mas hoje em dia sabemos que o constituem. Não deveriam constituir um problema mas constituem em virtude dos princípios e dos valores em que assenta a sociedade actualmente. Acho que a sociedade ainda não percebeu onde os idosos podem ser úteis. A partir do momento em que entram na reforma, se as pessoas não se adaptarem, a sociedade não a irá buscar... e eles poderiam ser muito úteis quer para a sociedade quer a nível familiar.

### **Na sua perspectiva, a velhice é vista como algo positivo ou negativo? Porquê?**

7

Actualmente é vista como algo negativo sem dúvida. Porque está associada a essa inutilidade. Ao já não servir para nada, ao ser um peso para a família porque de repente é uma pessoa que está sozinha e causa trabalho, porque tenho que ir ver se a minha mãe, o meu pai ou meu avó está bem, se está má ou se precisa de alguma coisa, e como o nosso tempo já é tão ocupado aquilo é só uma coisa que nos vem roubar mais tempo, que nos vem roubar mais recursos, que se calhar tem que vir para nossa casa e depois se calhar não temos espaço para ela...

### **Para si, as pessoas idosas têm necessidades específicas? Quais?**

Têm, têm necessidades específicas. Em primeiro lugar todos nós temos necessidades diferentes seja qual for a nossa idade... porque nós falamos dos idosos e dá a impressão que eles são todos iguais, há aquela noção da homogeneidade, claro que não, os idosos são pessoas diferentes como o foram toda a vida, quando eram mais novas. Portanto têm necessidades diferentes... e se as pessoas já não estão numa vida activa, se já não estão numa fase produtiva da vida, obviamente que as necessidades são outras, são mais necessidades de satisfação, de realização, de ocupação, não no sentido de ter uma profissão ou querer ganhar dinheiro para comprar isto ou para ter a minha casa ou para proporcionar um melhor bem-estar aos meus filhos... portanto esses objectivos e essas necessidades mudam, modificam... Então quando chegam a essa fase têm as necessidades básicas que todos têm e que sempre existem, essa necessidade de compreensão, principalmente de serem compreendidos, de serem aceites, de serem valorizados e... de poderem ter oportunidade de realizar algo que lhes dê prazer. Continuam a ter a mesma necessidade que nós temos, que normalmente expressamos no trabalho, de fazermos algo que nos realize. E eu acho que essa necessidade nos idosos

continua a estar presente. Não é preenchida pela actividade profissional como é habitualmente, têm que se encontrar outras estratégias... Às vezes eles próprios não... sabem muito bem... e também pensam que pronto, já deixei de trabalhar, já não faço nada, já não há nada que... Elas próprias têm esse estereótipo encaixado dentro delas de que se já cheguei a esta idade já não tenho nada para fazer. Eu acho que as necessidades dos idosos não variam muito das necessidades de qualquer ser humano, obviamente adaptadas às suas capacidades, que muitas vezes já não são as mesmas e limitadas por doenças ou outras coisas que possam existir, mas as necessidades de convívio, relacionamento interpessoal, de proximidade, de bem-estar continuam a existir. Não é porque passamos a ser idosos que deixamos de querer o que sempre quisemos.

### **De que forma podem os idosos contribuir para a sociedade?**

#### **Como podem participar na sociedade?**

Temos que pensar sempre na situação em que realmente há pessoas que chegam a essa idade com grandes dependências... poderão sempre contribuir com a sua sabedoria e conhecimento ainda que as suas limitações físicas as impeçam de fazer outras coisas... Mas uma grande parte ou a maior parte, chega à idade da reforma e são plenamente capazes e então onde é que eles poderiam ser úteis? Pensam que poderiam ser muito úteis à família, quando começam a perceber que tem ali um recurso, quando os filhos começarem a perceber que se calhar o pai ou a mãe até podiam em vez de deixar o miúdo num ATL ou aqui e ali, se poder ficar com o avô ou a avó, se o avô ou a avó ainda estiver capaz, é realmente uma aprendizagem muito importante para a criança, penso que pode ser mais aproveitada a nível familiar e às vezes também pelas distâncias porque às vezes os avós estão muito longe, pronto é difícil haver essa ligação. Mas penso que quando há essa proximidade em termos de residência, que se vive perto, os avós podem ser mais aproveitados em termos familiares. E depois em termos da sociedade, eu penso que esses grupos de voluntários que existem são uma coisa muito boa porque as pessoas se sentem realizadas, estão a apoiar alguém e realmente ocupam um papel que é desempenhado por eles e que se não fosse desempenhado por eles, não o seria por mais ninguém, portanto acho que um espaço onde os idosos que ainda estão bem podem dar alguma coisa de si e tirar alguma gratificação. Depois devem ser aproveitados ao máximo os seus conhecimentos, o que têm para transmitir, seja na actividade profissional que desempenharam porque podem continuar depois de

aposentados a transmitir alguma coisa de novo às pessoas mais jovens... ou a Universidades Seniores ou em outro tipo de estruturas que começa agora a haver, onde as pessoas mais velhas vão aprender alguma coisa, mas também podem ainda dar alguma coisa de si. Acho que a sociedade ainda não soube encontrar o lugar para os idosos por causa de estarmos muito centrados só na questão do trabalho e do trabalho, quando há outras coisas que podem fazer para além de trabalho remunerado.

### **O que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida dos idosos?**

9

No nosso país, nós sabemos que isso passaria em primeiro lugar por melhorar a muitos deles a sua condição económica... ainda que a qualidade de vida não seja só isso, é verdade que se a pessoa não tiver uma habitação condigna e uma alimentação condigna, não terá qualidade de vida. Passaria realmente por poder melhorar um pouco os rendimentos da maior parte das pessoas idosas para poderem ter um mínimo de condições e de sustentação financeira para pelo menos para as coisas mais básicas. Depois penso que a qualidade de vida tem que passar por esse aproveitamento das pessoas... realmente para não termos ainda pessoas válidas, fechadas em casa, sozinhas e isoladas, tem que se ir ao encontro dessas pessoas. Se a pessoa se sentir mais valorizada, vai se sentir mais satisfeita e de poder fazer alguma coisa, isso vai melhorar a sua qualidade de vida.

### **O que entende por dependência?**

A dependência é o não podermos fazer as nossas actividades diárias sem o auxílio de alguém.

## **III – Caracterização dos utentes**

### **Na sua perspectiva, como descreve os utentes deste lar? Caracterize-os.**

Não cabem todos na mesma descrição... seriam precisas diversas caracterizações. Temos os idosos bem-dispostos, satisfeitos, interessados, participativos, hummm... realizados. Depois temos outro grupo de idosos que vivem mais angustiados, que vivem um bocadinho mais revoltados, que não encaram bem a velhice, que têm dificuldades

em aceitar as suas limitações, que têm muita vergonha de depender de alguém para a sua higiene, para a sua alimentação... que estão muito dependentes e não aceitam essa dependência. Depois há algumas pessoas intermédias, mas há essencialmente estes dois grupos. Estes dois grupos muitas vezes estão associados a maior ou menor autonomia.

### **Quais as principais qualidades dos utentes?**

Têm muito para nos ensinar, muito para nos dizer, muito para poder fazer ainda e... mesmo a nível de trabalho, mesmo ao nível de fazerem um paninho de renda ou fazerem um bordado, fazerem isto, fazerem aquilo. Conseguem nos fazer sentir bem a nós... de nos dizerem “ah! Nunca estive tão bem, nunca estive tão bem acompanhado”. Portanto também sabem reconhecer. Às vezes há aquela ideia de que eles são muito egoístas e muito centrados neles mesmos e eu penso que não, também sabem reconhecer. Podem também ser muito críticos se as coisas não estão e nunca estão suficientemente à vontade deles aqui dentro, mas se as coisas correrem nem e se eles se sentirem bem também o sabem reconhecer acho que isso também tem que ser visto como uma qualidade.

10

### **Na sua opinião, quais as principais necessidades dos utentes do lar?**

Portanto, eles têm necessidades sem dúvida em termos físicos de ajuda, cuidados de enfermagem, cuidados médicos, cuidados de higiene... Têm necessidade de serem compreendidos, têm necessidade de serem reconhecidos, têm necessidade de serem respeitados como são, como cada um e de não terem que entrar aqui e apagarem-se e deixarem de ser aquilo que sempre foram. Têm necessidade de continuar a expressar-se e manterem a sua integridade e forma de ver a vida, a forma de a viverem e os seus hábitos que sabemos que aqui às vezes são difíceis de manter. Depois têm uma grande necessidade de serem acarinhados... a parte dos afectos, muitas vezes eles vêm como uma grande... carência a esse nível. Como já viviam há muitos anos sozinhos ou que os filhos estão longe, ou porque alguns não têm filhos, são solteiros, penso que há muito essa necessidade de às vezes se calhar mais um bom prato de comida ou um bom prato de sopa, essa necessidade de se sentirem amados, de que alguém goste deles, de que alguém se preocupe com eles.

### **Que actividades realizam os idosos no lar?**

### **Que actividades realizam os idosos fora do lar?**

Penso eu que temos uma parte de animação sócio-cultural que funciona bastante bem, têm uma série de actividades em que podem participar, têm os grupos corais, têm os grupos de dança, têm um grupo de teatro, têm os jogos tradicionais, desde os jogos de cartas, os dominós, outro tipo de jogos... há sempre a leitura de manhã, a ginástica, depois têm uma série de saídas e passeios mais ou menos regulares, quase todas as semanas vão ao *Chá Dançante* que é organizado pela Câmara [da Covilhã], também vão praticamente todas as semanas, a não ser que o tempo esteja muito mau, vão por exemplo ao *Serra Shopping* ou vão ao *Jardim do Lago*, portanto vão aqui a zonas da cidade, zonas de convívio públicas. Depois, festejamos todas as datas aqui... festeja-se o Natal, festeja-se a Páscoa, festeja-se o Carnaval, festejam-se os Santos Populares, festeja-se o São Martinho. Têm a Capela, que para a maior parte deles é uma coisa muito importante, a parte da religião, temos um padre que vem duas vezes por semana a fazer missa e estar com eles a fazer esse acompanhamento, para muitas pessoas tem muita importância. Para muitos é um suporte para vivenciar esta fase. Vão à praia todos os anos um grupo, também temos todos os anos a ida a Fátima que também é muito importante para muitos deles. Depois quando o tempo começa a melhorar, vão à Serra [da Estrela] portanto a este parque de merendas que há aqui, fazem jogos populares e almoçam lá, lancham. Depois no Verão, a Graça costuma ir com eles às terras de origem, temos muitas pessoas aqui das aldeias à volta. Fazem intercâmbios com outros lares também de vez em quando, vão os nossos actuar a outro lar ou vêm dos outros lar actuar aqui... ou escolas, também já têm vindo com os miúdos. Na época do Natal têm sempre muitas actuações, convidam-se tunas, grupos de cantares, ranchos. Penso que nesta parte da animação estamos bastante bem com um leque variado de actividades, ainda que estas estejam mais direccionadas para as pessoas que têm ainda alguma autonomia e sabemos que aqueles que estão mais dependentes e que não podem participar ficam um bocadinho à parte...

### **Como define a sua relação com os utentes do lar?**

Eu penso que tenho uma boa relação... muito melhor com uns, um bocadinho menos próxima de outros porque como há outras técnicas há sempre aqueles que se sentem

mais próximos ou da Dra. X ou da Dra. Y. Mas de forma geral, penso ter uma boa relação com todos. Acho que eles já perceberam que têm uma pessoa em quem podem confiar e que os podem ouvir.

### **Quais são os problemas e dificuldades dos utentes do lar?**

A maior dificuldade deles é o encaixar-se nesta rotina... a adaptação ao quotidiano, saber que todos os dias têm que tomar o pequeno-almoço às 9h, têm que almoçar ao 12h15... às vezes não traziam esses hábitos sequer desses horários... ou ter que fazer a higiene de manhã, quando se calhar alguns faziam à noite... isso é uma dificuldade, integrar-se, as horas deixam de ser definidas por nós mesmos, passam a ser definidas pela casa e temos que nos encaixar. E depois outra dificuldade grande pela qual as pessoas passam, a maior parte deles, eles vêm para aqui e tirando raras exceções não conhecem ninguém. E isso é uma dificuldade imensa. Passar a partilhar um quarto com alguém que não se conhece de lado nenhum, com uma história de vida completamente diferente, hábitos completamente diferentes e ter que criar uma relação minimamente agradável com essa pessoa com quem se vai partilhar um espaço tão íntimo como um quarto e isso é uma dificuldade muito grande. Para nós também é um grande desafio tentar perceber e avaliar onde aquela pessoa vai encaixar melhor, com que outra idosa ou com que outro idoso... Outro problema muito grande é também conseguir manter a sua intimidade, o seu espaço próprio e isso é muito difícil... e nós aqui temos quartos de dois, três e quatro pessoas...

## **IV – O papel da família**

### **Para si, qual é o papel da família em relação aos seus idosos?**

Grande parte das vezes sabemos que não há uma visão muito positiva e uma relação muito positiva por causa do idoso ser visto como uma peso, principalmente uma pessoa que já esteja doente e que esteja dependente, realmente para a família aquela pessoa, deixa de ser aquela pessoa, o pai ou a mãe que foi e passa a ser o problema... muitas vezes o idoso é o problema porque representa mais um encargo, porque representa uma disponibilidade de tempo... Mas por outro lado, continua a haver o sentimento por parte da família que o lar é o último recurso, continua a haver aquele peso de ter que vir pôr a

pessoa no lar. Apesar de aquela pessoa ser o problema, também não era esta a solução no ideal que gostaria... há também aquela ideia de «ah! Se eu pudesse eu ficava, se eu pudesse eu tratava», acho que andam ali naquele balanço de «esta pessoa é o nosso problema mas se a vou pôr no lar parece que estou a abandonar». Eu acho que as famílias estão nesta dicotomia e vivem muito, porque sabemos que a vida não é muito fácil, neste meio termo de querer arranjar uma solução boa para a pessoa que às vezes tem que ser o lar, mas não é isso que elas queriam... Mas depois de elas estarem aqui dentro, a maior parte das famílias vêm, estão presentes e estão interessadas, penso que nesse aspecto tem havido uma evolução e quem cá está há mais tempo nota isso ainda mais.

### **De modo geral, com que frequência os familiares visitam os idosos no lar?**

Temos de tudo. Também temos aqueles que vêm uma vez no ano e que se calhar nunca vêm. Mas temos notado, e trabalhamos isso logo à entrada das pessoas, uma melhoria, as pessoas vêm com regularidade, há pessoas que vêm quase diariamente, se tiverem disponibilidade vêm muito, levam os idosos no Natal, no aniversário, na Páscoa... a maior parte das famílias está presente, acompanha e vem muitas vezes.

### **Os familiares podem participar nas actividades organizadas pelo lar para os idosos?**

Sim, poderiam participar mais realmente. Cabe às instituições e a esta abrirem-se um bocadinho mais às famílias. É verdade que às vezes fechamo-nos um bocadinho sobre nós mesmos e nem sempre nos abrimos o suficiente. Mas em relação àquelas actuações que existem na altura do Natal, como normalmente são quase sempre depois do lanche, começam durante o lanche e prolongam-se durante o horário de visitas, as pessoas podem entrar e assistir, estar no refeitório e assistir... por exemplo o magusto foi feito durante a tarde, as famílias que vieram à hora das visitas também estiveram e participaram. Elas não são convidadas formalmente a participar, mas podem participar e assistir se decorrer no horário das visitas, mas acho que deveríamos solicitar formalmente a presença das famílias.

**Se sim, com que frequência eles participam?**

Participam se por acaso nesse dia vierem ao Lar... há uma participação um bocadinho passiva digamos.